

A volta de Dona Joventina



A calunga, vestida com retalhos de uma roupa que a antropóloga usou em baile carnavalesco no Recife

A quase centenária calunga Dona Joventina, do extinto Maracatu Estrela Brilhante, que marcou presença no Carnaval do Recife até 1964, retorna a Pernambuco, mais precisamente ao Museu do Homem do Nordeste, (Muhne) da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), como uma doação da antropóloga Katarina Real. A peça, uma escultura em madeira, representando uma jovem mulher, a "princesa ou calunga" do Maracatu, está há quase trinta anos na residência da pesquisadora norte-americana em Santa Fé, Novo México (EUA). A cerimônia de doação acontece às 16 horas do dia 5 deste mês no Muhne, com a presença de Katarina, que veio ao Recife especialmente para a doação.

Segundo a renomada antropóloga, trata-se da maior e mais bonita calunga já criada no Recife e sua confecção data por volta de 1905 pelo mestre santeiro de Igarassu. Para se ter idéia da importância da calunga é preciso explicar que ela é o símbolo maior da Nação, o símbolo espiritual, enquanto o estandarte — que no Maracatu se chama pavilhão — é o símbolo político. Até chegar ao Muhne, a calunga de Dona Joventina seguiu um périplo dos mais curiosos e, nestes últimos trinta anos, desde que foi parar nos Estados Unidos, só foi exposta três vezes.

História — O modo como a calunga de Dona Joventina foi parar nas mãos de Katarina Real é uma história que merece ser contada. Entre 1961 e 1962, a antropóloga pesquisava o Estrela Brilhante, maracatu que saía às ruas da cidade sob as ordens de Dona Assunção, viúva do seu criador Mestre Cosme. Diferentemente de Dona Santa, do Maracatu Elefante, Dona Assunção enfrentava grandes dificuldades para colocar o maracatu nas ruas, devido à re-

belia dos mestres batuqueiros, homens que não aceitavam sua liderança.

Certo dia, conta a antropóloga, Dona Assunção, que era sua amiga, veio desabafar e contou a Katarina que na noite anterior os espíritos "desceram". Esses espíritos disseram então a Dona Assunção que sua missão à frente do Estrela Brilhante estava cumprida e ela poderia se desfazer de todas as alfaías do maracatu, mas que entregasse a calunga de Dona Joventina a Katarina Real em troca de nada.

A antropóloga relutou, mas aceitou ficar com a imagem desde que Assunção concordasse em que Katarina custeasse a educação de Lenira, a bela dama do paço do Estrela Brilhante, cujas evoluções encantaram a antropóloga norte-americana. Dona Assunção ponde-

rou que os espíritos aprovariam a troca e concordou. Em 1968, Katarina voltou a morar nos EUA e colocou Dona Joventina em sua sala. Lá, a calunga era frequentemente confundida pelos americanos como uma boneca de vudu...

Retorno — Os motivos pelos quais a antropóloga resolveu doar a calunga ao Muhne são uma outra história, que já estava prevista na agenda de Katarina Real há algum tempo. No ano passado, quando esteve no Recife, a pesquisadora percebeu que as antigas tradições estavam sendo restauradas em Pernambuco. "Eu vi que estão saindo novos blocos, com gente de classe média cantando nas ruas com fantasias lindas", afirma Katarina, que se diz "encantada" com o grande número de novos maracatus nações, a exemplo do Nação Pernambuco, composto pela classe

média. "Noto que há uma maior interesse em se aprender a dança frevo e acho que no Carnaval Pernambuco só deveria ser frevo, maracatu, caboclinhos, é nossa cultura folclórica", afirma a antropóloga.

Por tudo isso, garante Katarina, "eu e Joventina, que construíamos quase uma pessoa, resolvemos já era tempo dela voltar ao Recife em homenagem aos pernambucanos, que estão fazendo muito, César L suas tradições". No Museu do Homem do Nordeste, a antropóloga espera que a Calunga seja bastante visitada, uma vez que Joventina só apareceu em Pernambuco em três ocasiões: em 1967, do Katarina Real recebeu o título de Cidadã Recifense na Câmara Municipal; em 1968, quando foi lançado o livro Folclore do Recife e outros, e em 1965 já se tornou uma coleção particular de arte popular.

Projetos — Aficionada com o Carnaval pernambucano desde 1951, quando aqui esteve pela primeira vez, a antropóloga ficou fascinada pela cultura local, obra do sociólogo e escritor Herberto Freyre, que conheceu a Universidade de Stanford. Especialista em estudos brasileiros e literatura brasileira. Sua mãe está em Pernambuco desde 1959 a 1968.

Além de fazer a doação da calunga ao Muhne, Katarina Real veio realizar estudos e coletar evidências para inserir numa edição de seu livro Folclore do Recife. Na edição, a antropóloga cita a importância de mais de trezentos blocos no Carnaval e, mais uma vez, lembra o papel constante no número de blocos. "Estou impressionada com a dinâmica cultural", finaliza a pesquisadora.



Katarina Real devolve a Pernambuco Dona Joventina, calunga do Maracatu Estrela Brilhante

Lembrando Pai Adão

Símbolo de grande importância para a história dos cultos afro-brasileiros no Recife, Pai Adão será homenageado pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), durante a passagem dos sessenta anos de morte de um dos mais respeitados babalorixás do Recife. Para registrar a data, o Departamento de Antropologia, à frente da antropóloga Fátima Quintas,

programou um seminário que constará de duas mesas-redondas, exposição de fotografias de objetos do Terreiro Obá Ogunté e apresentação de danças afro-brasileiras. Intitulado **O Xangô no Recife: 60 Anos sem Pai Adão**, o seminário será realizado amanhã, a partir das 9 horas, na Sala Carlos Pena Filho da Fundaj, na av. 17 de agosto, 2187 - Casa Forte.



Gilberto Freyre no Sítio do Pai Adão, durante uma homenagem aos 100 anos do babalorixá

O babalorixá Felipe Sabino da Costa - Pai Adão -, juntamente com os seus filhos e netos, divulgou a Nação Nagô em Pernambuco. Eles levaram até outros terreiros as músicas, os ritmos e as danças africanas. O Sítio de Pai Adão, localizado na Estrada Velha de Água Fria, nº 1644, foi a primeira Casa de Candomblé no Recife.

Os filhos, netos e bisnetos de

Pai Adão, comandados por Maria do Bonfim (única filha viva do Babalorixá) continuam lutando pela preservação dos rituais nagôs, apesar da grande dificuldade, devido à presença de outros rituais que estão sendo introduzidos nos terreiros de candomblé, a exemplo da Jurema (mestres, caboclos, índios e preto-velho), ritual da umbanda. Apesar disso, no Sítio

ainda hoje se cultuam os orixás, alguns deles com assentamentos (objetos do culto) de origem africana. O sítio cultua dois orixás pouco conhecidos e divulgados no Brasil: Orumilá (Deus da Adivinhação) e Olofim (Deus da Agricultura).

Sucessão - O Sítio de Pai Adão foi fundado por uma negra africana chamada Yfa-Tinuké, que no Brasil recebeu o nome de Inês Joaquina da Costa. Após seu falecimento assumiu o Pai Adão, sucessor através da hierarquia religiosa. Estima-se que a fundação do Sítio se deu há cerca de 150 anos. Seguiram-se após Pai Adão duas yalorixás (mães-de-santo) e três babalorixás (pais de santo).

Atualmente o Sítio tem como último sucessor de Pai Adão o babalorixá Manoel do Nascimento Costa, mais conhecido como Papai. Emocionado com a homenagem que a Fundaj fará ao Pai Adão, Manoel do Nascimento Costa os ressalta a importância da manutenção das datas festivas dos Orixás, tendo como festa maior o presente de Iemanjá.